

Cidades

KADIDJA FERNANDES/AT



PEDRO NASCIMENTO:
 “Logo que o bairro surgiu, ninguém queria morar aqui, por causa da lama, nem eu. Três anos depois voltei aqui, alguns apartamentos ainda estavam vazios e decidi me mudar. Criei raízes, fiz muitos amigos”

A TRIBUNA COM VOCÊ EM ANDRÉ CARLONI

Histórias de quem viveu nos bastidores

Pedro Nascimento, 86, lembra histórias do tempo da ditadura, quando trabalhava como operador de vídeo na televisão

Rayza Fontes

Aos 86 anos, o aposentado Pedro Nascimento tem sete filhos, 12 netos e também é bisavô. Além da família, coleciona muitas histórias.

Em 30 anos como morador de André Carloni, na Serra, ele mescla suas memórias com as dos bastidores da televisão, área em que trabalhou como operador de vídeo, supervisor técnico e diretor de imagem, na extinta TV Tupi e na TV Educativa.

“Foram mais de 25 anos trabalhando com as câmeras. Na época da ditadura militar a filmagem era feita em uma espécie de papel que chamava celuloide. Nós cortávamos os quadros e colávamos para gravar os trechos do jornal. Uma trabalhadeira. Um dia, sem querer, a cara do Fidel Castro foi parar na gravação e fomos todos parar na Federal. Era proibido”, lembrou.

Sobre a liberdade de imprensa no período da ditadura, Pedro contou que recebia inúmeras reclamações, especialmente de políticos, por ser obrigado pelo governo a cortar o som, durante os programas.

“Eles ficavam lá no estúdio vigiando. Se a pessoa falasse qualquer coisinha que desagradasse ou fosse contra o governo a gente tinha de cortar o áudio. Depois, chegavam as reclamações: ‘Fiquei como um bobo, fazendo mímica na televisão’”, contou.

Natural de Vitória, morador de

Santo Antônio, a mudança para a Serra representou o início de novos ares para o aposentado.

“Logo que o bairro surgiu, ninguém queria morar aqui, por causa da lama, nem eu. Três anos depois voltei aqui, alguns apartamentos ainda estavam vazios e decidi me mudar. Criei raízes, fiz muitos amigos. Agora, meus filhos querem que eu mude para perto deles, em Vila Velha, mas prefiro continuar aqui”.

Durante a adolescência, Pedro, com formação de técnico em mecânica, trabalhou como vendedor e na manufatura de tecido, em Vitória, mas sem nunca deixar de estudar.

“Na vida e nos bastidores dos programas, aprendi muitas coisas. Em primeiro lugar, a importância do relacionamento com as pessoas. De cada uma delas levamos um pedaço, uma experiência nova. O que é bom eu guardo e o ruim, descarto”, contou.

HISTÓRIA DO BAIRRO

Homenagem

- > O BAIRRO surgiu a partir de um conjunto habitacional com 47 prédios, 1.500 apartamentos e 704 casas.
- > O CONJUNTO era financiado pela Companhia Habitacional (Cohab) em até 20 anos.
- > O NOME André Carloni foi dado ao bairro em homenagem ao arquiteto italiano André Carloni, que realizou muitas obras e reformas no Estado.
- > AS PRINCIPAIS obras foram a construção do Theatro Carlos Gomes, a Santa Casa de Misericórdia e a Assembleia Legislativa.
- > AS RUAS do bairro não tinham asfalto e, como eram cheias de barro, a região ficou conhecida por muito tempo como “André Carlama”, até ser pavimentada, em 1998.

COMO FAZER CONTATO

Sugira uma reportagem

Os moradores de André Carloni, na Serra, podem reivindicar melhorias e sugerir reportagens sobre o bairro enviando um e-mail para atcomvoce@redetri-buna.com.br. Quem é de outro bairro pode sugerir uma visita de **A Tribuna com Você** ao local no mesmo e-mail.

AS RECORDAÇÕES



MARIA DA GRAÇA: escolha

Cozinha por amor

A cozinheira Maria da Graça Vieira, 65, aposentou-se recentemente, mas faz questão de manter o título. Após trabalhar em fábricas e supermercados, ela agora prepara os quitutes para família e amigos. Nascida em Iconha, morava em Campo Grande, mas após um divórcio comprou uma casa em André Carloni, e não se arrepende.

“Foi a melhor decisão que eu já tomei. Só saio daqui com a morte. Já são 25 anos aqui, acompanhei o crescimento do bairro”, contou.



LUCILA chegou ao bairro há 32 anos

Líder de vanguarda

Neta de um alemão, um italiano e com avó índia, Lucila Frib Paixão, 65, nasceu em Santa Leopoldina, na região serrana, e mudou-se para um dos conjuntos de André Carloni há 32 anos, para ter uma casa própria. Sofrendo com a falta de infraestrutura do bairro, ela se juntou a outros moradores e deu início à associação de moradores.

“Chamávamos o bairro de ‘André Carlama’, por causa da situação das ruas. Graças a muitas reuniões e idas aos escritórios governamentais, conseguimos pavimentação, transporte público e diversas melhorias para a região”, contou Lucila.